

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**LUCIANA GONÇALVES CAMPELO**

**RELACIONAMENTO ENTRE MÃE E FILHA**

**CURITIBA**

**2010**

**LUCIANA GONÇALVES CAMPELO**

**RELACIONAMENTO ENTRE MÃE E FILHA**

Monografia apresentada ao curso de especialização em Psicologia Analítica do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Jussara Maria Janowski Carvalho.

**CURITIBA**

**2010**

**LUCIANA GONÇALVES CAMPELO**

**RELACIONAMENTO ENTRE MÃE E FILHA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profº Dr. Juliano Maluf Amui

---

Profº Dra. Jussara Maria Janowski Carvalho

---

Profº Dra. Rudinalva Alves Silveira

Curitiba, 16 de outubro de 2010.

À minha querida mãe.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, pelo amor e investimento em minha formação, contribuição fundamental para que pudesse atingir meus objetivos.

Ao meu marido, pelo amor e companheirismo, por compreender a minha ausência em certos momentos, por incentivar e se interessar pela minha formação. Além disso, um agradecimento especial pelo auxílio na revisão da monografia e por me convencer o quanto é importante reescrever e reescrever.

Aos meus irmãos, pela amizade e carinho.

À Jussara pela orientação da monografia.

À todos os professores da especialização, pela troca de conhecimento e pelos espaços de discussão proporcionados, o que possibilitou o despertar de muitos assuntos que certamente ainda devo estudar.

Aos meus colegas de curso de especialização, pelo aprendizado e troca

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo investigar de que forma o relacionamento entre mãe e filha influencia a construção da identidade da filha. Como o relacionamento inicial entre mãe-filha vai influenciar na noção de si mesma e na forma da menina experimentar e perceber o mundo. Para tanto, realizei uma revisão da literatura junguiana sobre o tema, em especial a teoria do complexo materno. De acordo com os conceitos junguianos, o complexo, apesar de não ser patológico, pode trazer dificuldades ao indivíduo. O complexo materno, seja ele positivo ou negativo, contribui com marcas significativas para a menina. Além disso, o complexo materno está entre os componentes que mais exercem influência sobre a psique e desenvolvimento da menina. Neste sentido, a interação entre mãe e filha é de grande importância para os relacionamentos posteriores da menina com ela mesma e com o mundo. Complementarmente, a teoria psicanalítica forneceu embasamento necessário para fundamentar a relação mãe-bebê. Sugere-se portanto, que a mãe exerce papel fundamental e influencia na construção da identidade de sua filha, pois a base da identidade está estritamente relacionada ao sentimento de vitalidade do indivíduo – pode-se dizer que a mãe é quem inicialmente que transmite este sentimento. No entanto, não se deve ignorar que cada indivíduo carrega consigo um potencial para o desenvolvimento e uma expectativa do materno arquetípico, ou seja, cada indivíduo tem expectativas referente à relação com a figura materna.

Palavras-chave: Complexo materno. Identidade. Relação mãe-filha.

## **ABSTRACT**

This paper seeks to investigate, through Jungian theory, how the mother-daughter relationship molds the daughter's identity. The early relationship between mother and daughter influences the girl's sense of self and the way the girl experiences and understands the world. To this end, I performed a literature review on the subject, especially on the maternal complex theory. According to Jungian concepts, the complex, even when it is not pathological, can bring difficulties for the individual's development. The maternal complex, be it positive or negative, produces significant psychological marks on the girl. In addition, the maternal complex is among the most important factors in the development of the girl's psyche and identity. In this sense, the mother-daughter interaction is of great importance for the girl's later relationships with herself and the world. Psychoanalytic theory provides the foundation needed to support mother-infant relationship. It is suggested that the mother plays a fundamental role in building the identity of her daughter since the basis of identity is closely linked to the individual's feeling of vitality - it can be said that it is the mother who initially conveys this very feeling. Nonetheless, one should not ignore that each individual carries a potential for development and his/hers own expectations about the archetypal mother, or, in other words, each individual have expectations concerning the relationship with the maternal figure.

Key words: Maternal complex. Identity. Mother-daughter relationship.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	8
2 RELACIONAMENTO ENTRE MÃE E BEBÊ.....	11
2.1 O PAPEL DA FIGURA MATERNA NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA .....	16
2.2 ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL .....	20
2.2.1 Nascimento até dois anos .....	20
2.2.2 Desenvolvimento dos dois aos quinze anos .....	21
3 ESTUDOS EXPERIMENTAIS DE JUNG - CONSTELAÇÃO FAMILIAR .....	23
4 COMPLEXO MATERNO.....	26
4.1 COMPLEXO MATERNO ORIGINALMENTE POSITIVO .....	32
4.2 COMPLEXO MATERNO ORIGINALMENTE NEGATIVO.....	35
5 REFLEXOS DO COMPLEXO MATERNO.....	38
5.1 EXEMPLOS DE COMPLEXO MATERNO NEGATIVO EM FILMES E MITO.....	40
5.2 EXEMPLOS DE COMPLEXO MATERNO POSITIVO EM FILME E MITO.....	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
REFERÊNCIAS .....	48
ANEXO .....	50
ANEXO 1 .....	51



## 1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que muitas das dificuldades que os indivíduos<sup>1</sup> encontram em seus relacionamentos com os outros e consigo mesmos são reflexo do desenvolvimento da fase inicial da vida. Na medida em que a mãe é a base e a referência para criança, ela ocupa o papel de principal agente no desenvolvimento e construção da identidade da criança.

Mãe e filha vivenciam uma relação única e intensa. Fato que talvez possa ser atribuído à semelhança biológica e psicológica entre as duas. Adicionalmente, é comum encontrar mulheres que mantêm uma relação ambivalente com a figura materna, uma relação de verdadeiro amor e ódio.

A dependência natural da criança em relação à mãe estabelece uma proximidade nas primeiras etapas da vida. A mãe geralmente está mais presente no desenvolvimento e cuidado da criança. De certa forma, no período inicial, a mãe ocupa um papel onipotente. Apesar da criança não ser “uma folha em branco”, a mãe cumpre função importante, pois é ela quem geralmente auxilia na criação da vida mental e emocional da criança. Neste sentido a mãe pode facilitar ou não o crescimento mental e emocional da criança.

A criança imagina – e pode-se dizer que até certo ponto é verdade – que ela é o centro do universo. O amor e cuidado experienciados pela criança nesta etapa inicial do desenvolvimento são fundamentais na construção da noção de valor próprio e auto-confiança diante do mundo. No decorrer do desenvolvimento, a criança passa a tomar consciência cada vez maior de seu corpo, dos fatores externos e de sua individualidade. Num primeiro momento podemos dizer que a menina se encontra não dissociada da identidade da mãe, mas gradualmente a diferença entre elas pode tomar forma e fazer com que elas se diferenciem.

É sabido que existe uma grande diferença entre a vivência mãe-filho e a vivência mãe-filha. Para a mãe, o filho contém em si simbolicamente a imagem de sua busca interior, mas a filha é a extensão de sua própria natureza essencial. A imagem da filha pode ser associada simbolicamente à um retorno da própria juventude da mãe, devolvendo-a ao passado.

No decorrer da elaboração da pesquisa deparei-me com um livro “Criando Meninas”, que fazia uma simbologia da relação mãe-filha com as famosas bonecas russas – matrioshka–, onde uma mulher nasce da outra através das gerações.

A identidade nos dá ideia de quem somos, como nos percebemos e como os outros nos vêem – a identidade permite que o indivíduo se perceba como sujeito único e possibilita a

---

1 Esta pesquisa será direcionada ao aspecto feminino, especificamente na relação mãe-filha.

consciência de si mesmo. A identidade é construída desde o nascimento. Ao nascer a criança é inserida em um contexto onde já estão estabelecidos alguns valores como crenças e condutas. Através do relacionamento com seus familiares, com a sociedade e com outros estímulos externos e internos é que a identidade vai sendo formada e desenvolvida ao longo da vida. Com efeito, a mãe ocupa uma posição principal neste processo. Como observou Kast (1997), a mãe serve de modelo para a filha. Neste sentido, a filha imita a mãe, pois a partir deste modelo inicial, a filha concebe a auto-identidade. Todas as influências que a mãe transmite à filha atuam juntas para compor as expectativas que ela terá de si mesma, da sua vivência com o outro e com o mundo. Uma proporciona sentido à outra.

Se a figura materna for excessivamente relevante para a filha, constituindo-se em um complexo materno, poderá exercer influências definitivas na vida desta mulher – que podem ser positivas ou negativas. Tão profundas são as influências do complexo que podem comprometer o funcionamento psíquico e impedir a filha de formar uma identidade própria. Ficar presa neste complexo pode trazer a repetição de esquemas básicos familiares na relação mãe-filha (JUNG, 2007 a).

A afetividade pode ser considerada a base essencial para a constituição da personalidade. A visão redutora de que a mãe é fundamental para o desenvolvimento da filha, faz sentido porque os indivíduos geralmente têm necessidade de encontrar alguém que cuide bem deles maternalmente a fim de moldarem as suas identidades (CORNEAU, 1999).

A referência “mãe” será utilizada inúmeras vezes no trabalho. Quero salientar que quando me refiro à mãe, não me limito à mãe biológica, mas também a quem exerce a função materna para a menina. Para uma menina, o modelo feminino pode ser representado pela mãe ou por qualquer figura que a substitua. Todavia, não deve ser subestimada a participação da figura paterna no processo de desenvolvimento da menina. Entretanto, como este trabalho está direcionado para a relação mãe e filha, alerto o leitor que não abordo a importância do pai para a construção da identidade feminina. Muitas das discussões dos capítulos a seguir de fato valem para meninos e meninas. Entretanto, para facilitar a leitura articulei o pensamento voltado para o feminino.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é investigar as possíveis influências da mãe na constituição da identidade de sua filha.

No primeiro capítulo apresento a introdução.

No segundo capítulo discuto uma revisão da literatura a respeito da relação mãe-bebê, sobre o desenvolvimento psíquico da criança e uma breve revisão do desenvolvimento infantil de forma geral.

No terceiro capítulo apresento um resumo do trabalho de Jung sobre seus estudos experimentais, especificamente o estudo feito sobre constelação familiar, onde ele faz uma análise entre as características semelhantes presentes na família, principalmente na relação mãe e filha.

No quarto capítulo discuto o complexo materno e suas polaridades positiva e negativa.

O quinto capítulo trata de uma discussão sobre as possíveis influências do complexo materno na constituição da identidade da filha, para tanto utilizei mito e filmes para ilustração dos casos.

No sexto capítulo faço as considerações finais.

## 2 RELACIONAMENTO ENTRE MÃE E BEBÊ

A relação entre mãe e o bebê é um tema bastante amplo que difere de concepção para os estudiosos do tema. Contudo, creio que independente da escola psicanalítica, há algumas características similares. Uma abordagem pode complementar a outra sem ser contraditória, as visões e pensamentos apresentam características similares e podem auxiliar na compreensão da relação mãe-bebê.

Jung infelizmente não se dedicou à tenra infância, por esta razão vou utilizar autores de referência psicanalítica para estruturar o relacionamento entre mãe e bebê. Jung claramente declarou sua preferência pela segunda metade da vida. Apesar disto, não excluiu o tema de sua teoria, pois acredito que compreendia a importância deste relacionamento.

Jung (1991) escreveu:

A relação mãe-filho é, de qualquer modo, a mais profunda e a mais comovente que se conhece; de fato, por um certo tempo, a criança é, por assim dizer parte do corpo da mãe! Mais tarde, faz parte da atmosfera psíquica da mãe por vários anos, e, deste modo, tudo o que há de original na criança acha-se indissolúvelmente ligado à imagem da mãe (JUNG, 1991, p. 388).

Antes de conceber um filho, os pais idealizam e projetam situações para a vida da criança. Imaginam como será o rosto, como será a vida deles com esta criança, enfim, criam-se então muitas expectativas em relação a este bebê.

Quando a gravidez é descoberta, a mulher já pressente que a vida dela se modificará de muitas maneiras. As alterações físicas, fisiológicas e psíquicas vividas neste período são a base para muitos conflitos vividos pela mulher. A relação da mãe com a sua filha começa desde o momento da descoberta da gravidez, e se dá basicamente pelas expectativas que ela tem sobre o bebê e como será este relacionamento. As expectativas que originam-se do “mundo” interno da mãe são muitas – neste sentido falo das relações anteriores dela como filha e das necessidades conscientes e inconscientes relacionadas ao bebê – o sentimento é ambivalente: entre a vontade de ter um filho e ser mãe. Há um misto de ansiedade e angústia frente ao desconhecido, principalmente na primeira gravidez. A insegurança muitas vezes surge por acreditar que não saberá como lidar com este novo papel materno.

Contribui para tal insegurança a pré-concepção amplamente difundida na sociedade de que o instinto maternal é inerente a toda mulher. Tal pensamento não determina apenas um padrão ideal de comportamento, mas também um modelo, um ideal de mãe. Enumeram-se comportamentos, determinando a capacidade ou a incapacidade para a maternidade.

Winnicott (1982) diz que os melhores instintos maternos originam-se de uma confiança natural nos recursos próprios. A capacidade de percepção que a mãe tem do bebê não pode ser ensinada. Há coisas que devem ser aprendidas e outras que ocorrem naturalmente - um dia esta mãe também já foi criança e carrega consigo todas as referências que experimentou neste período: o arquétipo materno.

Algumas mães, por motivos diversos, conseguem cuidar de seu bebê, e outras, não. Ser uma mãe “suficientemente boa” não se trata apenas de querer, mas de poder. Deve-se ter a capacidade de estar em sintonia com as necessidades biológicas e psicológicas que o bebê apresenta.

Fordham (2006) afirma que se os bebês puderem ser colocados nos braços de suas mães ao nascerem por quarenta e cinco minutos, forma-se facilmente uma boa relação com a mãe. Ao mesmo tempo que a mãe contém e aquece, ela fornece matéria-prima para o crescimento do seu filho.

A receptividade da mãe nas necessidades que o bebê apresenta, estabelece um relacionamento positivo entre ambos, caracterizado por Fordham (2006, p.100) como “par afetuoso”, onde cada um contribui para este relacionamento.

Tem sido muito estudados os impulsos, reflexos e sistema químicos que influem sobre o bebê durante suas primeiras semanas e meses de vida extra-uterina. Porém embora a mãe saudável passa a saber alguma coisa a respeito, ela não se relaciona com o filho como se ele fosse um feixe de sistemas fisiológicos, mas sim como uma pessoa, um ser individual. A meu ver ela assim apreende e respeita a integridade e a verdadeira natureza de seu filho, que ambos gradualmente conhecerão à medida que o crescimento prosseguir (FORDHAM, 2006, p.100).

De acordo com Buhler (1990) sabe-se, a partir de muitos estudos e experiências que desde o momento da concepção, o bebê é influenciado consideravelmente no seu crescimento, na sua saúde e em toda a sua estrutura corporal e anímica pelas circunstâncias em que a gravidez decorre. Qualquer alteração sofrida pela mãe é sentida pelo bebê, seja uma doença infecciosa, depressão, situação de estresse, sentimento de bem estar, felicidade, entre outros. Jung (1995) compara a psique de uma criança com a cera, que é mole e moldável e comenta:

O pai e a mãe gravam o sinete de sua personalidade fundo na psique da criança: e mais fundo quanto mais sensível e imprevisível ela for. Tudo é retratado inconscientemente na criança, mesmo coisas das quais nunca se falou. A criança imita gestos; e, assim como os gestos dos pais são a expressão de seu estado emocional, estes gestos que ela imita vão produzindo aos poucos um estado emocional dentro dela (JUNG, 1995, p. 485).

Quando a criança ainda está na barriga da mãe, o corpo da mãe é o “mundo” onde a

criança vive. O corpo é matéria-prima desta fase inicial e é através do corpo da mãe que ela se alimenta e se mantém viva.

[...] a principal função da mãe é, portanto, contê-lo, protegê-lo, ao mesmo tempo que lhe fornece a matéria-prima para o crescimento. Assim, a herança genética pode atuar na promoção da forma e da estrutura do corpo do bebê (FORDHAM, 2006, p.98).

Ao nascer, parte da ligação entre mãe e filha é rompida – já não estão mais ligadas ao mesmo corpo.

Segundo Neumann (2004), após o nascimento, existe uma segunda fase embrionária, na qual a filha ainda está parcialmente presa na relação embrionária primal com a mãe – a criança ainda não está consciente dela mesma, não se tornou ela mesma. Através do desenvolvimento desta relação primal, que dura cerca de um ano e meio, é que a criança se torna ela mesma e passa a diferenciar a própria imagem corporal da de sua mãe.

Ao nascer o bebê experimenta grandes variações em suas condições ambientais: mudança de temperatura, luz, pressão, som, etc. Há de fato um grande contraste com a situação intra-uterina, onde ele estava protegido, num lugar relativamente confortável, onde suas necessidades eram totalmente atendidas, sem precisar se preocupar. Mesmo assim, após o nascimento, o bebê ainda permanece totalmente dependente, necessita do amor, cuidado e atenção de sua mãe.

Nas semanas e meses que seguem o nascimento do bebê, a mãe é o bebê, e o bebê é ela. Formam uma unidade. O bebê vivencia o inconsciente da mãe como se fosse dele. Conforme já mencionado, de acordo com Neumann (2004), o primeiro ano da infância da criança, pode ser considerado como parte da segunda fase embrionária.

Sob perspectiva do bebê, na segunda fase embrionária, nada existe além dele e de sua mãe – vivencia uma situação considerada paradisíaca. O outro é uma extensão do bebê; não existe uma diferenciação nem noção de espaço. Caso ocorra uma deficiência nesta relação, o bebê pode ser afetado psicologicamente, como por exemplo uma indefinição na estrutura de sua personalidade.

A fase descrita anteriormente é denominada por Winnicott (1982) como “identificação primária” que pode ser relacionada com a relação primal de Neumann (2004).

Winnicott (1982) também concorda que a dependência do bebê na fase inicial é absoluta. A mãe neste momento inicial serve de apoio e facilitadora da organização do ego do bebê. Nas palavras dele, a mãe seria um “ambiente facilitador”. Com o passar do tempo o bebê é capaz de afirmar a sua própria individualidade, podendo até experimentar uma

identidade pessoal.

O relacionamento entre mãe e filha é de grande importância nos primeiros meses de vida de uma criança. Ao nascer a criança é inconsciente, o ego existe mas não foi desenvolvido, tudo existe enquanto possibilidade. Através desta relação com a mãe é que o ego da criança começa a se desenvolver, crescer, adquire unidade e as coisas passam a ter formas. Num período inicial, a mãe é o ego da criança.

A relação primal mãe-filho é decisiva nos primeiros meses de vida de uma criança, É neste período que o ego da criança se forma, ou pelo menos começa a se desenvolver; é então que o núcleo do ego, que já estava presente desde o início, cresce e adquire unidade, de tal modo que podemos falar num ego infantil mais ou menos estruturado (NEUMANN, 2004, p.11).

Cerca de um ano e meio após a segunda fase embrionária surge o “período uterino social”, conforme denominado por Portmann (1953) apud Neumann (2004). Neste período ainda há uma relação primal com a mãe, mas aos poucos a liberdade vai sendo adquirida e a criança tem a oportunidade de experimentar aspectos de um “novo mundo” e uma adaptação à coletividade. Esta adaptação é feita com o auxílio daqueles que cuidam do bebê, como os pais e os familiares.

Jung (1995) considera que os pais e educadores exercem influência moldadora sobre o caráter da criança que está em formação, no que se refere à transmissão de atitude emocional, pessoal e inconsciente.

A desarmonia latente entre os pais, uma preocupação secreta, desejos secretos e reprimidos, tudo isso produz na criança um estado emocional, com sinais perfeitamente reconhecíveis, que devagar mas segura e inconscientemente vai penetrando na psique dela, levando às mesmas atitudes e, portanto, às mesmas reações aos estímulos do meio ambiente (JUNG, 1995 p.485).

Diferentemente das crianças mais velhas ou adultos, os bebês não compreendem suas mães através das palavras, mas sim através da forma pela qual são amparados. Neste sentido, o termo utilizado por Winnicott - *holding* - descreve perfeitamente a ideia: tornar seguro, conter, garantir, assegurar, tranquilizar, serenar. A maneira de segurar o bebê pode resultar tanto em circunstâncias satisfatórias quanto desfavoráveis em termos psicológicos. Segurar bem uma criança faz com que os processos de maturação<sup>2</sup> sejam facilitados. Por outro lado, uma mãe que segura mal seu bebê pode promover problemas no processo de maturação. Alguns bebês têm o privilégio de ser bem seguros por suas mães. Neste sentido eles adquirem confiança e sentem-se capazes de atravessar com sucesso as fases de seu desenvolvimento. Embora Winnicott (1982) afirme que bebês não se recordam de que foram

---

2 Winnicott, (1963).

bem seguros, lembram-se da experiência traumatizante de não terem sido seguros de forma adequada.

Além do *holding*, a amamentação é fundamental para o desenvolvimento da criança. Não só no sentido biológico, mas também no sentido de nutrição emocional<sup>3</sup>. Neste sentido, podemos destacar o jargão “seio bom” conhecido dos psicanalistas, que denota uma maternidade dentro do padrão satisfatório esperado.

De acordo com Fordham (2006), os bebês organizam suas experiências entre objetos qualificados como “bons” e “maus”. Os objetos “bons” são aqueles que promovem satisfação e restabelecimento da unidade bebê, como uma brincadeira com a mãe, banho e mamada. Em contrapartida, os objetos considerados “maus” são aqueles que não são satisfatórios ou que não atendem às suas necessidades.

Fordham comenta ainda:

[...] é inevitável que ela frustre o bebê: algumas frustrações são toleráveis, enquanto, outras, não; o valor das frustrações toleráveis está no fato de compelirem o bebê a administrar seus objetos bons e maus, especialmente pela projeção e pela introjeção, que agem no sentido de produzir uma preponderância de boas reservas nutritivas dentro do Self. Dessa forma, a luta do bebê o leva a ganhar cada vez mais controle sobre seus objetos. A mãe o ajudará a desenvolver o ego e, desse modo, sua capacidade de distinguir as fantasias da realidade. Cuidando com carinho e empatia do filho, a mãe cria a base para sensação de confiança da qual nasce a noção de identidade individual do bebê. Esse cuidado está ao alcance de qualquer mãe, contanto que ela conte com o apoio do ambiente e não sofra interferências (FORDHAM, 2006, p. 106).

Em resumo, pode-se destacar que todos os autores compreendem a importância da relação mãe-filha e ainda destacam a influência que a mãe tem sobre o desenvolvimento de sua filha desde o momento da concepção como formadores da personalidade e do desenvolvimento psíquico. Na sessão seguinte vou discutir detalhadamente o desenvolvimento psíquico da criança.

---

3 Não é necessário que a amamentação seja exclusivamente feita através do seio, pois em algumas situações as mães são impedidas de alimentar desta forma. A nutrição faz parte da relação. E isto é o fundamental.



## 2.1 O PAPEL DA FIGURA MATERNA NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA

O surgimento da consciência ocorre mediante um desenvolvimento, este por sua vez, ocorre em fases. A criança nasce inconsciente, decorrente ao desenvolvimento surge a consciência. O “eu” vai deixando de ser um conteúdo inconsciente e torna-se consciente.

Apesar de ser “inconsciente”, a criança ao nascer carrega consigo uma herança que é o inconsciente coletivo. Ou seja, ela nasce com todas as potencialidades para se desenvolver no mundo.

A personalidade é construída principalmente sob orientação do Self<sup>4</sup>. No entanto, estímulos externos também contribuem para a construção.

A personalidade como um todo e o seu centro diretor, o Self, existe antes de o ego tomar forma e desenvolver-se como centro da consciência, as leis que regem o desenvolvimento do ego e da consciência estão subordinadas ao inconsciente e à personalidade como um todo, que é representado pelo Self (NEUMANN, 2004, p.10).

De acordo com Neumann (2004), a infância é dividida em três fases: fase urobórica, matriarcado e patriarcado. Sendo a primeira se divide em duas partes. Nesta sessão será abordada a primeira fase.

A fase urobórica – primeiro período embrionário da relação primal – vivenciada desde o período intra-uterino, é aquela em que não há desconforto ou tensão entre eixo ego-Self<sup>5</sup>. Neste sentido, pode-se dizer que mãe-bebê vivenciam um estado paradisíaco. Esta fase é caracterizada por um pré-ego, na qual o ego ainda não emergiu por completo, como se estivesse adormecido. A mãe representa Self e “tu” ao mesmo tempo. Mãe e criança vivenciam uma realidade unitária (Eu-Tu), uma *participation mystique*<sup>6</sup>.

[...] para o embrião, não é possível existir oposição entre ego- Self e continente

4 A psicologia analítica atribui ao Self, enquanto totalidade do indivíduo, a qualidade de um dado existente *a priori* e que se desenvolve no decorrer da vida. Esse “dado a priori” da individualidade tem seus paralelos em conceitos tais como enteléquia e mônada, ou no pressuposto astrológico de que o momento único do nascimento corresponde às características únicas do indivíduo, à sua predisposição constitucional e as suas possibilidades latentes (NEUMANN, 2004, p.20).

5 Conceito criado por Neumann para explicar como ego e Self se relacionam por intermédio dos símbolos. Ego e Self dependem um do outro. O ego depende do Self para realiza-se na vida, assim como o Self depende do ego para atualizar-se no mundo. Uma relação primal adequada favorece a estruturação do eixo ego-Self (GRINBERG, 2003, p.224).

6 A relação arcaica ou primordial, em que o sujeito e objeto se confundem, foi denominado *participation mystique* pelo antropólogo Lévy Bruhl. (GAMBINI, 1988, p.46).

materno, e a mãe é a um só tempo Self e “tu”, prevalecendo a realidade unitária do paraíso [...] tanto na condição uterina como na pós uterina, a criança fica protegida pelo continente circular da existência materna, pois para a criança a mãe é, reunidos numa única entidade, Self, “tu” e mundo (NEUMANN, 2004, p.14).

Para Neumann (2004), a fase característica da primeira infância é o pré-ego, quando ego e consciência estão em processo de desenvolvimento. Neste estágio não há distinção entre externo e interno; entre sujeito e objeto. Durante a primeira fase da relação primal não há delimitação corporal; a criança está conectada à sua mãe como se estivessem unidas à um mesmo corpo. Para que a criança se torne ela mesma e passe a ter consciência da sua existência no "mundo", é preciso que ela se diferencie da mãe, saindo na unidade que estava sendo vivenciada com ela.

Para a criança a mãe equivale ao mundo e ao Self – por exemplo, o seio não está separado da mãe e não é uma condição externa – e não há consciência nem de que o próprio corpo é dela. Nas palavras de Neumann (2004, p.11) “a criança e a mãe estão reunidos numa única entidade, Self, tu e mundo”.

À medida que o ego vai adquirindo, cada vez com maior frequência, uma consciência como que insular – de início por breves momentos, depois por períodos maiores- e vai se posicionando no mundo , não existe ainda diferenciação entre o próprio corpo e a mãe que propicia o prazer e exorciza o desprazer. Para o ego da criança, com uma experiência fundada no prazer e desprazer, sua experiência do mundo é a experiência da mãe, cuja realidade emocional determina a existência da criança. Para a criança nesta fase a mãe não está nem dentro nem fora: para a criança os seios não fazem parte de uma realidade separada de si e externa; seu próprio corpo não é experimentado como seu ( NEUMANN, 2004, p.12).

Na fase inicial, pré-ego, ainda não existe uma consciência capaz de percepção e controle. A consciência não está centralizada pelo ego; o Self da criança está envolvido pelo Self da mãe. Nesta relação as experiências e realidades emocionais são transmitidas da mãe para a criança e a identificação do Self da criança é representada inicialmente pela mãe. Nesta fase a criança experimenta o mundo através da mãe, que executa um papel de Self da criança. Inicialmente o contato da criança com o Self é fornecido pela mãe, através do Self corporal.

A segunda etapa da fase urobórica é caracterizada por um segundo período embrionário que se estende até um ano e meio da criança. A partir do desenvolvimento da criança, o Self – que estava alocado na mãe – passa a se deslocar gradualmente para a criança. Isto ocorre ao final da segunda fase embrionária pós-uterina, conforme denominada por Neumann (2004). Neste ponto ocorre um evento importante: a formação inicial do ego da criança.

A criança então se torna aberta para outras relações , torna-se um ego apto para o confronto com um “tu” tanto interno como externamente. [...] a criança deixa de ser apenas um Self- Corporal e transforma-se em uma totalidade individual, detentora de um Self completo e aberta a relacionamentos (NEUMANN, 2004, p.17).

A relação “urobórica” primal entre mãe e filha vai se dissolvendo gradualmente à medida que a individualidade e a consciência de ego da criança se desenvolve, iniciando a estruturação do eixo ego-Self.

A formação inicial do ego está intrinsecamente relacionada à disponibilidade ou indisponibilidade da mãe relacionar-se com a unidade biopsíquica do filha. A consciência egóica da criança, seja ela positiva ou negativa, está relacionada com a experiência corporal, que foi vivenciada através da relação com a figura materna (NEUMANN, 2004).

Conforme discutido resumidamente na sessão anterior, a relação primal entre mãe e filha é fundamental para a construção dos relacionamentos posteriores e a relação de dependência entre elas. A mãe representa a conexão com o “mundo real” para a criança. Através dela a filha irá se conectar com o ambiente e com a sociedade.

O relacionamento entre mãe e filha ocorre pela necessidade da criança de preservar a relação primal para sua sobrevivência. De acordo com Neumann (2004), a perda da referência da mãe ou de alguém que faça este papel é sentida muito mais na esfera psíquica da criança do que na física. De fato, a mãe omissa afetivamente pode provocar distúrbios emocionais. A mãe que se conecta com a criança afetivamente proporciona desenvolvimento físico e psíquico sadio.

Embora a atenção materna seja fundamental para o desenvolvimento psíquico saudável, o equilíbrio é essencial para o sucesso da relação. Tanto o excesso de atenção quanto a deficiência promovem aspectos negativos para o desenvolvimento psíquico da criança. “Distúrbios na vida da mãe, doenças, choques, traumatismos psicológicos são desvios da constelação arquetípica da relação primal e podem lesar ou bloquear o desenvolvimento da criança”(NEUMANN, 2004 p.19).

A relação primal da criança com a mãe serve como base para o desenvolvimento dela para a vida. Nesta concepção, uma relação saudável entre mãe e bebê pode ser descrita como aquela em que a mãe possibilita à criança reconhecer o seu Self.

Um passo decisivo para o desenvolvimento da criança durante a relação primal é a formação de um *ego-integral-positivo*, um ego capaz de assimilar e integrar as qualidades, até mesmo quando negativas ou desagradáveis, dos mundos interno e externo (NEUMANN, 2004 p.51).

Caso não ocorra uma relação primal saudável – aquela em que a mãe é fonte

provedora de alimento físico, psíquico, de amor consciente e inconsciente por esta filha – a criança adoece. A doença por vezes não é física, mas psíquica. Como é conhecido, além da alimentação física para o desenvolvimento sadio de seu corpo, a criança necessita da alimentação psíquica da figura materna para seu desenvolvimento. A figura materna influencia de forma significativa a construção da identidade da criança.

No curso da relação primal, uma mãe não amorosa, como uma Mãe Terrível, pode destruir ou danificar, seriamente as bases da existência da criança [...] Mas, via de regra, uma relação primal positiva na primeira fase da vida propicia uma personalidade sadia [...] Uma personalidade assim sadia é sinônimo de um eixo ego-Self normal e fornece garantia de relação compensatória entre consciente e inconsciente (NEUMANN, 2004, p.54).

Fica claro que em consequência da privação de uma mãe suficientemente boa, a criança pode até mesmo apresentar desinteresse pela vida como um todo, como será descrito posteriormente no quarto capítulo. Neste sentido, a cura psíquica ocorre unicamente através da restauração da relação primal que nutre a totalidade, que anteriormente foi negada à criança. Uma boa relação primal entre mãe e filha é decisiva para o desenvolvimento da criança, tanto intelectual quanto social.

Ainda sobre o tema da relação primal, pode-se observar que mãe e filha estão conectadas inconscientemente – os sentimentos são transmitidos e sentidos sem haver comunicação direta ou indireta. A *participation mystique* entre mãe e filha orienta um através do outro.

“O filho inconscientemente “lê” o inconsciente da mãe na qual vive”, da mesma forma que – normalmente – a mãe exerce uma função reguladora ao reagir inconscientemente à conduta inconsciente do filho” (NEUMANN, 2004, p. 20).

Apesar de necessitar da mãe como guia no período inicial de sua vida, há um momento em que a criança adquire maior domínio da realidade que a cerca.

De acordo com Fordham (2006), em consequência dos processos de integração e deintegração, a criança estabelece contato com a simbolização. Como consequência, a noção de realidade amplia-se. “Por volta dos 2 anos, pode-se dizer que o crescimento do ego tenha atingido um ponto suficiente para que a estabilização dos processos integrativos prepondere sobre as consequências integrativo- deintegrativas primitivas” (FORDHAM, 2006, p.116).

Com isso temos que o desenvolvimento adequado do ego e do Self são importantes para a constituição da identidade e da personalidade. Uma vez que o Self tem importância central no amadurecimento e que o Self da criança é orientado inicialmente pelo Self da mãe, pode-se dizer que a mãe tem influência significativa no desenvolvimento psíquico da criança,

na medida em que é a mãe quem ajudará a desenvolver o ego da criança.

## 2.2 ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

No contexto desta pesquisa considero importante revisar as etapas do desenvolvimento infantil. A intenção é familiarizar o leitor com o panorama mais amplo do desenvolvimento da criança, que inclui o desenvolvimento corporal, motor e social. Na sequência abordo resumidamente as faixas etárias até os quinze anos.

### 2.2.1 Nascimento até dois anos

O desenvolvimento humano é um processo que está relacionado ao crescimento e mudança em nível físico e psicológico. Em cada etapa surgem características e atividades específicas esperadas para cada faixa etária.

No entanto, cada criança apresenta um ritmo próprio de desenvolvimento por diferentes motivos. Merecem destaque os fatores externos como estímulos, exemplos e instruções, tidos como influências aceleradoras. Na mesma medida a ausência destes pode prejudicar o desenvolvimento.

Neste contexto, os primeiros anos de vida, constituem um marco fundamental no desenvolvimento da identidade de cada indivíduo. “[...] os processos no desenvolvimento do ser humano, mais do que em todos os outros seres vivos, não são quase nunca resultados exclusivo da maturação, mas também da experiência” (BUHLER, 1962, p. 71).

De acordo com Buhler (1962), com alguns meses de vida o bebê já consegue perceber os estímulos que o rodeiam, reconhecendo por exemplo objetos e pessoas. Com três a seis semanas o bebê manifesta uma reação social, sorrindo ao ouvir uma voz humana. Por volta de seis a nove meses, consegue normalmente diferenciar sabores de odores, sons, ruídos e cores. Ainda por esta altura o bebê tem o domínio do corpo, é capaz de engatinhar e sentar. E ainda vai além, se comunicando através de sons e emoções, sorrisos, gritos e choro.

Quando a criança completa um ano de idade é esperado que consiga manter-se em pé, dar alguns passos e utilizar as primeiras palavras. Ao fim do primeiro ano de vida a criança reúne vasto repertório de funções psíquicas, já discutido na sessão anterior.

Ao final do primeiro ano de vida e no início do segundo ano a criança começa a reconhecer imagens. Ainda em idade pré-escolar conhece a semelhança e outras qualidades figurativas, assim como unidade e quantidade. Adquire também uma primeira noção de tempo e espaço, embora a percepção de distância e perspectiva desenvolvam-se posteriormente.

Quanto ao desenvolvimento da memória Buhler relata que:

[...] atua desde o início da vida, primeiramente em fenômenos inconscientes de aprendizagem, e já cedo em recordações conscientes de fatos passados recentemente. Encontramos estas recordações a partir dos primeiros meses documentadas indiretamente em ações de espera. A partir do segundo ano de vida recordam-se acontecimentos passados há mais de um dia, e em breve também a semanas e meses. A partir do terceiro ano de vida relatam-se recordações de coisas que se passaram há mais de um ano (BUHLER, 1962, p.171).

Todos sons emitidos pela criança, desde o grito e choro do recém-nascido, servem como auxílio para as primeiras sílabas às quais a criança conscientemente dá um sentido. Através dos sons é que as crianças mais tarde edificam a linguagem.

### **2.2.2 Desenvolvimento dos dois aos quinze anos**

- A partir de dois anos a criança manifesta uma grande riqueza na fantasia infantil no que se refere a linguagem e ao jogo, apresenta certo equilíbrio e coordenação, começa gradualmente a controlar os esfíncteres (primeiro os intestinos e depois a bexiga), é capaz de produzir regularmente frases de 3 e 4 palavras;
- De três a quatro anos de idade a criança apresenta grande atividade motora, tem o desejo de experimentar tudo. Começa a se alimentar sozinha, já capaz de controlar os esfíncteres - sobretudo durante o dia. Utiliza bastante imaginação, faz utilização dos jogos de faz de conta e dos jogos de papéis. Começa a ter noção das relações de causa-e-efeito;
- Dos quatro aos cinco anos: rápido desenvolvimento muscular, maior controle dos movimentos, tem mais controle de sua higiene – mas ainda precisa de certo auxílio, tem grande interesse pelas palavras e linguagem, gosta de se comunicar, compreende ordens com frase negativa, apresenta maior consciência entre o certo e errado;

- Dos cinco aos seis anos: consegue seguir instruções, conhece cores e números, capacidade de memorizar histórias e repeti-las, demonstra conhecimento temporal, conceitos, é capaz de agrupar peças do maior para o menor, conhece as diferenças de sexo;
- Dos seis aos sete anos: apresenta coordenação completamente estabelecida, desenvolvimento da capacidade de raciocínio, aprendizagem através da linguagem e da lógica, tende a ser mais competitiva, forte identificação com a figura parental do mesmo sexo;
- Dos sete aos oito anos: grande atividade motora, está disponível para a aprendizagem, utiliza pensamentos reflexivos, baseados na lógica, consegue resolver problemas de maior complexidade, participa de atividades em grupo, é mais independente;
- Dos oito aos nove anos: o pensamento está mais organizado e lógico, faz novas amizades com facilidade;
- Dos nove aos dez anos: desenha com grande detalhes, tem um bom controle corporal, tem interesse por tarefas mais complexas, meninas e meninos apresentam diferenças de interesse e característica, maior interesse nas atividades sociais e nas relações afetivas, é altamente competitiva;
- Dos dez aos onze anos: competências motoras bem desenvolvidas, tem interesse de curta duração, demonstra maior curiosidade intelectual;
- Dos onze aos doze anos: grande consciência do seu próprio corpo, maior capacidade para utilizar a lógica nos seus argumentos, bem como para aplicar o raciocínio lógico a situações concretas e específicas, interesse pelo mundo e pela comunidade onde está inserida;
- Dos doze aos quinze anos: desenvolvimento corporal mais evidente, melhoria das capacidades de argumentação;

### 3 ESTUDOS EXPERIMENTAIS DE JUNG - CONSTELAÇÃO FAMILIAR

Jung conduziu uma série de pesquisas que ficaram conhecidas como os experimentos de associação de Jung. Estes trabalhos conduziram Jung à elaboração de um método investigativo da psique inconsciente. Com estes estudos ele pretendia confirmar, aprofundar suas teorias e comprovar a existência de complexos inconscientes. Os extensos estudos experimentais realizados por Jung conduziram à sistematização da teoria dos complexos. Neste sentido, pode-se dizer que o conceito de complexo ocupa papel de destaque no pensamento de Jung.

Jung (1995), em seu livro Estudos Experimentais, publicou uma pesquisa feita por sua aluna, Dra. Emma Früst, psiquiatra da equipe de Burghölzli. Dra. Früst, sob a supervisão de Jung, aplicou o teste de associações em vinte e quatro famílias, chegando numa amostra de cem pessoas para a pesquisa, alcançando um total de vinte e duas mil associações.

A lista de palavras escolhidas por Jung como estímulo para o teste não tinham relação significativa entre si. A pessoa analisada era instruída a reagir com uma única palavra – a primeira que lhe viesse a cabeça – a cada estímulo (palavra) pronunciada pelo aplicador. O experimentador media o tempo de reação entre ao estímulo e a palavra pronunciada pelo analisado. Qualquer demora irregular entre o estímulo e a resposta pode ser indicador de tensão emocional relacionada, de alguma forma, à palavra-estímulo.

Com os dados do experimento Jung agrupou as pessoas de acordo com família, tipo de parentesco, sexo, entre outros. Em especial para esta revisão, é relevante avaliar os resultados do estudo de Jung para mães e filhas. Durante a análise do experimento, ele descobriu que mãe e filha partilham a mesma forma de pensar e ainda respondem de forma semelhante aos estímulos dados<sup>7</sup>.

Era de se esperar que neste experimento, onde as portas do acaso estão escancaradas, a individualidade se manifestasse em grande escala, de modo que tivéssemos uma grande diversidade e irregularidade de associações. Mas como se viu, o contrário aconteceu. A filha partilha do modo de pensar de sua mãe, não só quanto às ideias mas também na forma de expressão, a ponto de usar as mesmas palavras. O que é mais fugaz, inconstante e sem leis do que uma ideia, um pensamento furtivo? Ele não é sem leis, não é livre, mas fortemente determinado dentro dos limites de ambiente. Se, portanto, as imagens do intelecto, por mais superficiais e fugazes que pareçam ser, estão sujeitas a constelação do ambiente, o que mais esperar então das atividades mais importantes da psique, das emoções, desejos, esperanças e

---

7 Segue em anexo 1 a tabela com a semelhança de respostas obtidas de certa mãe-filha que participaram do experimento.



intenções? (JUNG, 1995, p.481).

O próprio Jung chama a atenção para a análise de um caso concreto de relação mãe-filha, ambas avaliadas no estudo. A filha de dezesseis anos reage de forma surpreendentemente semelhante à mãe aos estímulos apresentados, usando inclusive as mesmas palavras. A mãe vivencia, por motivos não citados no estudo, uma vida infeliz com o marido alcoólatra. Entretanto, o fato da mãe viver desta forma não significa que a filha deve se comportar da mesma maneira. Apesar disto, durante o experimento Jung notou que a filha copia de forma acentuada a maneira de vida de sua mãe. Conclui-se que a filha imita a mãe, conforme já discutido em capítulos anteriores.

O vínculo mãe-filha é de tal forma robusto que chama a atenção de Jung, que escreve: “[...] quando uma jovem reage ao mundo como uma senhora mais velha, desiludida da vida, isto no mínimo é desnatural e forçado” (JUNG, 1995, p.482). Reforça ainda que tal atitude é perigosa pois de certa forma, a menina, quando crescer, provavelmente vai reagir ao mundo da mesma maneira sofredora da mãe e ainda possivelmente procurará um parceiro com características parecidas de seu pai, justamente o que fazia a mãe sofrer. Pode-se notar que a infelicidade dos pais pode causar uma vinculação com os filhos, mantendo-os presos numa relação infantil.

[...] me parece importante compreender a influência do meio ambiente e da educação. Vimos no exemplo acima o que passa da mãe para a filha. Não é a vida honesta e piedosa, não é a inculcação de verdades pedagógicas que exercem influência moldadora sobre o caráter da pessoa em formação; o que tem maior influência é a atitude emocional, pessoal e inconsciente, dos pais e educadores. A desarmonia latente entre os pais, uma preocupação secreta, desejos secretos e reprimidos, tudo isso produz na criança um estado emocional, com sinais perfeitamente reconhecíveis, que devagar mas segura e inconscientemente vai penetrando na psique dela, levando às mesmas atitudes e, portanto, às mesmas reações aos estímulos do meio ambiente (JUNG, 1995, p.485).

Interessante refletir que a mãe serve como espelho para a filha, inconsciente ou até mesmo conscientemente ela copia o estado emocional da mãe. Assim, a forma com que a mãe se apresenta diante ao mundo, provavelmente será a forma que a filha irá se apresentar.

No estudo também é aprendemos que pai e filho partilham da mesma forma de pensar. No entanto, a diferença na forma de pensar entre eles é maior do que a diferença observada entre mãe e filha. Os registros da pesquisa na sessão de constelação familiar, enfatizam apenas um caso sobre a relação mãe-filha, já mencionado neste capítulo. É curioso notar que apesar do estudo citar muitas variáveis que podem influenciar o relacionamento familiar e até mesmo tabular dados a respeito, não há discussão sobre os resultados observados. Da mesma forma,

os dados plotados em gráficos, mas também não há discussão dos mesmos. Mesmo com tais limitações, foi possível identificar os resultados mais relevantes do estudo de constelação familiar para esta pesquisa.

Em resumo, a pesquisa conclui que a individualidade está subordinada às relações familiares – especialmente nos pares de gênero – no modo de pensar. Tal conclusão se aplica tanto às ideias quanto à forma de expressá-las, o que pode ser comprovado pela escolha das mesmas respostas pela mãe e pela filha no teste.

## 4 COMPLEXO MATERNO

É sabido que os complexos orientam-se por um núcleo arquetípico. Em se tratando do complexo materno, o núcleo é o arquétipo<sup>8</sup> materno e suas diferentes representações do feminino. Em torno deste núcleo se formam ideias e pensamentos carregados de sentimento influenciados pelas experiências e imagens da mãe. Corneau (1999) ainda menciona que este complexo é um dos mais poderosos e influentes na psique, constituindo um resumo das lembranças da relação com a mãe e com outras figuras maternas.

O complexo materno é resultado de uma recordação da relação pessoal da menina com a sua mãe. Embora o complexo materno tenha como primeiro referencial o relacionamento com a mãe pessoal, à medida que a criança se relaciona com outras figuras com função materna femininas ou não, ela adquire uma perspectiva mais coletiva da figura materna. Complexos são problemas da vida, que são também expressão de temas centrais da vida; eles exprimem problemas de desenvolvimento. Eles constituem nossa disposição psíquica (KAST, 1997, p.37).

O arquétipo materno possui alguns traços essenciais. Jung (2007 a) cita os atributos deste arquétipo que corresponde à mãe amorosa e à mãe terrível :

Seus atributos [da mãe amorosa] são o “maternal”:, simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar de transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; [são atributos da mãe terrível] o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal (JUNG, 2007 a, p. 92).

Dentro do arquétipo materno existe um tipo mais específico deste, chamado arquétipo da Grande Mãe. Ao cuidar de seu filho – por exemplo: amamentar, proteger, conter – , a mãe executa uma conduta própria do arquétipo da Grande Mãe. As experiências sobre o conceito de maternidade são acumuladas na psique humana, como uma representação universal do que é herdado.

O bebê em seu desenvolvimento vivencia o arquétipo da Grande Mãe no relacionamento íntimo com a própria mãe. A partir deste relacionamento uma ideia particular de ser mãe vai sendo elaborada pela psique da criança, sendo que ao mesmo tempo o

---

8 Os arquétipos são potenciais psíquicos herdados que estão relacionados às experiências universais da humanidade. Importante lembrar que herda-se a forma mas não o conteúdo. Por serem dinâmicos, proporcionam adaptação ao indivíduo referente às experiências vivenciadas.

complexo materno passa a ser desenvolvido. O complexo materno reunirá todas as imagens, emoções e experiências correlatas – boas ou más – dessa fase de desenvolvimento a partir do relacionamento com a mãe.

A portadora do arquétipo é, em primeiro lugar, a mãe pessoal porque a criança vive inicialmente num estado de participação exclusiva, isto é, numa identificação inconsciente com ela. A mãe não é apenas a condição prévia física, mas também psíquica da criança. Com o despertar da consciência do eu, a participação é progressivamente desfeita, e a consciência começa a tornar-se sua própria condição prévia, entrando em oposição ao inconsciente (JUNG, 2007 a, p. 109).

O complexo materno está presente em todos as pessoas. O experimentamos como a necessidade de carinho, proteção e ligação. Se a experiência inicial que temos na vida, através da relação primal, for satisfatória e atender estas necessidades, sentiremos que a vida representa algo positivo. Nos sentiremos amados e protegidos (para sempre). Em contra partida, caso a nossa primeira experiência não tenha sido boa, vamos nos sentir desconectados e sem raízes.

Partindo do pressuposto que a mãe é sempre o destino, temos:

O complexo materno é básico, para os nossos sentimentos mais permanentes e intratáveis. Neste sentido a mãe, como diz Jung, destino. Este complexo é, desde a mais, tenra infância, a permanente estrutura que aprisiona nossas relações e valores, a caixa fechada e as paredes que nos cercam por todos os lados. Enfrentamos a mãe, como destino, sempre e outra vez. Não apenas o conteúdo dos sentimentos, como também a própria função, formam padrões a partir das reações e valores que passam a existir no relacionamento mãe-filho (VON FRANZ, 1995, p.164).

Este complexo diz respeito tanto à experiência do bebê relativa ao arquétipo da Grande Mãe quanto à experiência do relacionamento com a própria mãe. Posteriormente esse complexo materno poderá ser projetado em outras figuras femininas próximas, como tia, prima mais velha, avó, irmã vizinha entre outras.

O significado concreto primitivo de “compreende”, “compreender”, é cingir com as mãos ou os braços e segurar. É isto que a mãe faz com a criança que procura por auxílio e proteção e o que prende a criança à mãe. Mas quanto mais ela cresce, tanto mais aumenta o perigo de que este tipo de “compreensão” leve a um impedimento do desenvolvimento natural. Ao invés de adaptar-se a novas condições do meio ambiente, a libido da criança regride para a proteção e as facilidades dos braços maternos e perde assim o contato com o tempo (JUNG, 2007 b, p.298).

Kast (1997) afirma que nos casos em que a filha permanece muito tempo apenas com a mãe, ela desenvolve um complexo materno dominante. Embora nestes casos o complexo nem sempre se apresente em seu formato negativo e desagradável, a filha deve ser capaz de compreender o papel de cada uma no processo de desenvolvimento. Da mesma forma, nas situações em que a filha copia desapercivelmente e acentuadamente o comportamento da

mãe, a filha – inconscientemente – prejudica o seu próprio desenvolvimento.

O complexo do eu de uma pessoa deve desligar-se , “de modo apropriado à idade”, dos complexos materno e paterno, para que ela possa perceber suas tarefas de desenvolvimento apropriadas à idade e ter à sua disposição um complexo do eu coerente – um "eu suficientemente forte" – que lhe permita perceber as exigências da vida , lidar com as dificuldades e conseguir um certo grau de prazer e satisfação (KAST, 1997, p.10).

Quando um complexo é constelado<sup>9</sup>, este automaticamente indica um desequilíbrio na psique. Os efeitos do complexo devem ser vistos como sinais de que algo não está bem resolvido na vida do indivíduo ou que existe um conflito interno. Identificar que a pessoa possui um complexo materno negativo ou positivo vai auxiliar na compreensão da dinâmica psíquica do indivíduo, indicando quais são as facilidades, dificuldades de desenvolvimento e possibilidades específicas de sua vida.

“Toda constelação de complexos implica um estado perturbado da consciência [...] o complexo é um fator psíquico que, em termos de energia, possui um valor que supera, às vezes, o de nossas intenções conscientes.” (JUNG, 1984, p.30).

De acordo com Jung (2007 a), é difícil comprovar se o complexo materno, enquanto distúrbio, poderá ocorrer sem a participação causal da mãe. Mas as experiências lhe mostraram que a mãe sempre está presente na origem do distúrbio.

É uma questão em aberto saber se tal complexo pode ocorrer sem uma participação causal da mãe passível de comprovação. Segundo minha experiência, parece-me que a mãe sempre está ativamente presente na origem da perturbação, particularmente em neuroses infantis ou naquelas cujo etiologia recua até a primeira infância (JUNG, 2007 a, p.94).

Conforme discutido no segundo capítulo, se durante a infância a criança teve uma boa experiência com sua mãe, ela provavelmente desenvolverá um complexo materno positivo. Se a mãe, por qualquer motivo, não conseguiu adaptar-se à esta criança ou à realidade de ser mãe, a criança tem maiores chances de desenvolver um complexo materno negativo. O tipo de complexo vai indicar “a atmosfera que circunda uma pessoa, sobre os temas vitais especiais que são importantes, e sobre as necessidades típicas de desenvolvimento e dificuldades” (KAST, 1997, p. 39).

Na mulher o complexo materno:

[...] gera um hipertrofia do feminino ou então uma atrofia do mesmo. A exacerbação do feminino significa uma intensificação de todos os instintos femininos, e em primeiro lugar do instinto materno. O aspecto negativo desta é apresentado por uma

---

9 Por consequência de seu valor energético

mulher cujo a única meta é parir. O homem, para ela, é manifestadamente algo secundário; é essencialmente o instrumento de procriação, classificado como um objeto a ser criado (JUNG, 2007 a, p.97).

A personalidade e o desenvolvimento intelectual desta mulher, de acordo com Jung (2007 a), são vistos também como algo secundário. Geralmente lida com as coisas de forma inconsciente “[...] a vida é vivida nos outros e através dos outros, na medida em que, devido à inconsciência da própria personalidade, ela se identifica com eles” (JUNG 2007 a, p. 97).

A mulher descrita acima pode ser resumida no mito de Deméter. Este mito ilustra a figura da mãe possessiva que, destituída da função materna, não encontra sentido para a própria existência. Deméter significa “mãe terra”, esta deusa pode ser caracterizada pelo excesso de proteção. Se relaciona com as pessoas como se fossem filhos dela e a sua principal preocupação é com a família. Deméter representa portanto o arquétipo da mãe. Jung (2007 a) diz:

[...] Deméter extorque dos deuses um direito de propriedade sobre a filha. Seu eros desenvolve-se exclusivamente como relação materna, permanecendo no entanto inconsciente enquanto relação pessoal. Um eros inconsciente sempre se manifesta sob a forma de poder, razão pela qual este tipo de mulher, embora sempre parecendo sacrificar-se pelos outros, na realidade é incapaz de um verdadeiro sacrifício. Seu instinto materno impõe-se brutalmente até conseguir o aniquilamento da própria personalidade e da de seus filhos (JUNG, 2007 a, p.97).

Surpreendentemente uma mãe tipo Deméter não reforça o instinto materno na filha. Em casos extremos pode até mesmo causar uma extinção do instinto materno. Caso isto ocorra, temos a exacerbação do eros, que nas palavras de Jung, “invariavelmente a uma relação incestuosa com o pai. O eros exacerbado provoca uma ênfase anormal sobre a personalidade do outro” (2007 a, p. 98). Este tipo de feminino se caracteriza por uma notável inconsciência.

Se não ocorrer uma exacerbação do eros no complexo materno feminino, produz-se-á uma identificação com a mãe e um bloqueio da própria iniciativa feminina. Dá-se então uma projeção da personalidade da filha sobre a mãe, em virtude da inconsciência de seu mundo instintivo materno e de seu eros (JUNG, 2007 a, p.99).

Se um indivíduo permanece ligado à mãe, a vida que ele deveria ter levado decorre em formas de fantasias conscientes e inconscientes, que na mulher geralmente são atribuídas à figura de um herói, ou melhor são acionadas por ela (JUNG b, 2007, p.299).

Jung em seu livro “Os arquétipos e inconsciente coletivo” divide os aspectos do complexo materno em: a exacerbação do instinto materno (amor materno puro e positivo); eros exacerbado e a mulher que se identifica com a mãe (só é capaz de chegar a si mesma

através de uma figura masculina e deverá ser literalmente raptada da mãe).

Kast (1997) afirma que do início da adolescência até por volta dos vinte anos, os complexos materno e paterno normalmente tornam-se conscientes. Neste período é interessante para o desenvolvimento psíquico da adolescente que ela consiga fazer o desligamento dos pais como pessoas. Dado que o complexo deixa marcas particulares em cada indivíduo, os bloqueios psíquicos de cada combinação “indivíduo – marca do complexo” também são particulares. Como consequência, o desligamento também deve ocorrer de forma distinta para cada um. Assim, cada indivíduo e suas marcas vão determinar como será o desligamento.

Adicionalmente, o desligamento também pode ser influenciado pela combinação entre o que o indivíduo deseja e o que o meio ambiente – representado pelos pais, pessoas influentes no convívio e a sociedade em geral – espera dele.

No desligamento está presente um sentimento de culpa por “abandonar” os pais. Este “abandono” se faz necessário para que ela se coloque diante do mundo, assim como os pais um dia provavelmente fizeram. Entretanto, mesmo que exista o desligamento dos pais, a adolescente continuará a precisar deles enquanto figuras paterna e materna.

Acredito que esta ambivalência aconteça quando ela começa a se desligar e se diferenciar destas figuras. Embora a adolescente possa recorrer aos amigos para compensar o desligamento com os pais, estes irão oferecer no máximo segurança, “mas nunca poderá[ão] substituir o querido, doloroso e honesto conflito com os pais” (KAST, 1997, p 15).

No lidar com a auto-imagem do pai e da mãe, os jovens determinam sua própria auto-imagem. Nisto os filhos descobrem o não vivido dos pais e, via de regra, valorizam-no tanto que eles, os jovens, querem agora vivê-lo. Isto ocasionalmente desperta inveja nos pais, quando os jovens vivem o que eles proibiram a si mesmos. O não-vivido, que no fundo deveria ter sido incorporado no viver, a sombra, assume aqui um significado especial (KAST, 1997, p.15).

Na fase do desligamento dos pais, os jovens que geralmente estão em crise de identidade por conta das mudanças passam a procurar orientação em outras pessoas – pois já não podem mais contar com os pais pessoais. De acordo com Kast (1997), eles vivificam os arquétipos das figuras paterna e materna, podendo conectar-se à figuras religiosas e imagens de deuses. Desta forma tornam-se temporariamente filhos de um “poder superior”, ficando mais fácil se desligar dos pais.

De modo geral, pode-se dizer que, na fase de desligamento, as pessoas que não são propriamente pai ou mãe, mas nas quais é possível projetar algo de paternal ou maternal, desempenham um papel, assim como as imagens de divindades paterna e

materna e seus respectivos programas de vida (KAST, 1997, p.16).

Durante a adolescência da menina os complexos materno e paterno são vivificados novamente. No caso das meninas, a socialização se configura em dois tipos distintos: algumas procuram um parceiro e vivem a relação de casal geralmente muito cedo; enquanto outras se dedicam ao aspecto intelectual. O desligamento completo da mulher de sua mãe não é esperado de forma definitiva, mas sim transformadora. “[...] O que talvez até tenha, à primeira vista, sua razão de ser; o objetivo do desligamento para uma mulher não é não manter mais relação alguma com sua mãe; o objetivo não é uma autonomia que se compreende como falta de vínculo” (KAST, p.24).

Temos portanto que o desligamento da mãe deve ocorrer no sentido de propiciar uma nova forma de relacionamento entre elas. Neste sentido mãe e filha devem “resolver” as pendências deste relacionamento para depois usufruir desta nova relação.

É muito comum ouvir as frases “quero ser diferente dela; nunca vou me comportar da mesma maneira; faria tudo diferente”; entre outras. Estas frases podem indicar duas situações: que a menina tem um complexo materno negativo ou um desligamento da mãe. Esta última no sentido de ir ao encontro de seus próprios desejos, em busca da própria identidade.

Ainda que a mãe seja o modelo a partir do qual a menina adquire fundamentos para a auto-identidade, não indica que a identidade mãe e filha permaneça ou seja idêntica. Embora possam compartilhar traços semelhantes, cada uma é um indivíduo único.

Diante o posicionamento de ir de encontro de sua essência, a filha costuma fazer críticas aos comportamentos e ações de sua mãe. O que não necessariamente implica em sentimento de ódio entre duas, pois como sabemos o ódio não separa e sim une ainda mais.

Para encontrar sua própria identidade, a adolescente deve lidar com a mãe e com o complexo materno. Se não fizer isso, ela depositará sua relação com um parceiro – para além da projeção das experiências paternas e das expectativas não cumpridas em relação ao pai – os problemas maternos pendentes e as expectativas frustradas que ela tinha sobre a mãe (KAST, 1997, p.24).

Paradoxalmente, à medida que a menina consegue fazer o desligamento, ela volta a se aproximar da mãe. Isto se dá porque em percebendo as características que a diferenciam da mãe – e em quais aproximam – a menina pode se relacionar com a mãe de uma outra maneira, compreendendo as escolhas de vida de cada uma e suas motivações.



#### 4.1 COMPLEXO MATERNO ORIGINALMENTE POSITIVO

De acordo com Corneau (1999), se a criança sentiu-se acolhida e amada em seu desenvolvimento, provavelmente desenvolverá um complexo materno originalmente positivo<sup>10</sup>. A marca deste complexo auxilia o indivíduo na afirmação do ego e na forma de se relacionar com a vida.

Kast (1997) ainda postula:

O complexo materno originalmente positivo proporciona a uma criança o sentimento de um incontestável direito à existência, o sentimento de ser interessante e de ter parte em um mundo que oferece tudo de que alguém necessita – e um pouco mais. A partir disso, esse eu também pode entrar em contato, de modo confiante, com um “outro”. O corpo é a base do complexo do eu (KAST, 1997, p.13).

De acordo com Jacobi (1995), o complexo do eu é apenas um dentre vários complexos. Através do complexo do eu os outros tipos de complexos se relacionam e podem se tornar conscientes. No entanto, apenas o reconhecimento do complexo não o torna consciente. Porém, quando se tem consciência do complexo, é mais fácil integrá-lo à consciência.

Do ponto de vista funcional, pode-se dizer que a dissolução de um complexo e sua digestão emocional, isto é, sua conscientização apresenta sempre, como consequência, uma redistribuição da energia psíquica. É que esta energia, até então aprisionada no complexo, pode, em seguida, fluir, ocupar novos conteúdos e, dessa forma, produzir uma situação nova e mais útil ao equilíbrio psicológico (JACOBI, 1995, p.20).

Através de um complexo positivo, vivenciado com uma mãe positiva, as necessidades corporais são vivenciadas como algo natural. Nota-se uma alegria consigo mesma, com o corpo, a vitalidade, a comida e a sexualidade. Além disso há possibilidade de compartilhamento da experiência corporal e psíquica com outras pessoas.

Os outros contribuem para nosso próprio bem-estar psíquico – e podemos contribuir para o bem-estar dos outros. Uma pessoa que pode contar com interesse e compreensão e experiência de uma certa plenitude de amor, cuidado, compreensão e segurança desenvolverá uma saudável atividade do eu (KAST, 1997, p.14).

A experiência da mãe irá desencadear possíveis tipos de relacionamentos com a filha. Caso a experiência da mãe tenha sido positiva ela provavelmente proporcionará à filha um

---

<sup>10</sup> Para facilitar a leitura, daqui em diante me refiro ao complexo materno originalmente positivo apenas por complexo materno positivo ou complexo positivo.

ambiente seguro e irá atender as necessidades apresentadas como um todo. O comportamento da mãe marcada por um complexo materno positivo auxilia na capacidade de vida da filha. Neste sentido, a mãe consegue fazer com que a filha sintam-se seguras, interessantes e significativas diante da vida. Por outro lado, se for marcada por um complexo negativo, dificilmente será acolhedora, ou seja, produzirá um comportamento inverso da mãe marcada por um complexo materno positivo.

Retomando a questão do desligamento entre mãe e filha, é importante ressaltar que, caso a mãe, em sua experiência pessoal, tenha desenvolvido a capacidade de se desligar de seus relacionamentos, ela vai oferecer esta experiência para a filha, deixando-a escolher suas preferências, facilitando portanto o desligamento. Desta forma, a filha poderá vivenciar esta experiência sem culpa, conforme já discutido no capítulo quatro.

Jung (2007 a) menciona um aspecto positivo do complexo materno como a exacerbação do instinto materno que está associado a um sentimento positivo com a figura materna “[...] trata-se daquele amor materno que pertence às recordações mais comoventes e inesquecíveis da idade adulta e representa a raiz secreta de todo vir a ser e de todas as transformações” (JUNG, 2007 a, p.101).

Não é somente a mãe pessoal mas como também a interação com a natureza, com o meio e com as pessoas de relacionamento – pai, avós, irmãos e outros – podem influenciar no desenvolvimento de um complexo positivo.

[...] há também algo como um espaço materno, um espaço de vida em que o materno acontece e se torna experienciável. Disso fazem parte animais, plantas, o ambiente. De qualquer modo, o espaço materno é transferido com muita facilidade para o espaço de vida como tal (KAST, 1997, p.72).

Cada indivíduo carrega consigo a marca do complexo, a capacidade de desenvolver-se e um ímpeto de autonomia. Existem pessoas que possuem um complexo materno positivo, cujo complexo do eu, no entanto, encontra-se parcialmente desligado desse complexo materno.

Pessoas com complexo positivo “estão sob a divisa: viver e deixar viver; se é possível até mesmo desfrutar e deixar desfrutar” (KAST, 1997, p.73). Elas sentem que a vida é boa, sentem-se seguras, há uma troca pois proporcionam e recebem questões positivas da vida. Nada é complicado para pessoas com a marca deste complexo, para tudo se encontrará uma solução, marcada sob a frase “de qualquer maneira sempre se dá um jeito”. Podemos ficar com a imagem de que elas carregam dentro de si um pote de ouro e querem compartilhar toda esta riqueza e potencialidade.

Portanto, a marca deste complexo pode ser caracterizada pela facilidade de se relacionar intimamente com o outro, geralmente estabelecendo uma relação desimpedida com o material; são pessoas criativas, fantasiosas e inventivas – mas para que as ideias sejam realizadas precisam de perseverança, uma força que os impulsiona e capacidade de sacrificar-se e tolerar frustrações. Podem desfrutar de uma oralidade acentuada, são amorosos, generosos e tendem a união com os outros seres humanos, compartilham suas realizações quando o objetivo é alcançado.

Em contrapartida, “[...] caso o complexo do eu não consiga se emancipar do complexo materno originalmente positivo, então essas pessoas desenvolverão limites do eu inseguros (KAST, 1997, p.74).”

Com isso temos que o complexo materno originalmente positivo, proporciona ao “eu” do indivíduo:

[...] o sentimento de ser um eu suficientemente bom em um mundo suficientemente bom, o sentimento de um incontestável direito à existência. O direito de viver, de amar, de ser amado, de ter um lugar no mundo; um direito ao respeito, um direito de poder expressar e também satisfazer necessidades corporais e psíquicas, simplesmente porque existimos. Um direito de se realizar no mundo, de compartilhar as riquezas da vida (KAST, 1997, p. 75).

Se por um lado o indivíduo carrega dentro de si todas as potencialidades citadas acima, por outro ele apresenta alguns problemas e dificuldades relacionados aos temas de separação e decisão.

[...] em geral a necessidade de aceitar que existe a morte, que há separação e recomeço, rompimentos e novas tentativas. Um outro problema em conexão com a temática da separação é o da decisão em favor de algo – e portanto também contra algo -, em geral a introdução da agressão da vida (KAST, 1997, p.75).

As considerações até aqui expostas demonstram que o complexo positivo reúne apenas aspectos positivos, fazendo justiça o nome que recebe. No entanto, este tipo de complexo pode ser altamente bloqueador e reunir aspectos narcisistas. Além disso, o complexo materno positivo pode ser a causa de uma posição depressiva e de diversas doenças do medo. Estas por sua vez podem estar associadas à falta de atenção com ele próprio. A individualidade é experienciada de forma pouco responsável. Adicionalmente, caso o complexo do eu não se desenvolva, de acordo com a idade, o complexo anteriormente positivo pode não permanecer nesta condição.

Ainda segundo Kast, (1997):

Vindas de um complexo materno originalmente positivo, as pessoas trazem consigo,

é verdade, a lembrança de um direito incontestável à vida, mas também a sensação de precisarem sacrificar muito da indistinção prazenteira para atingir a individuação (p.79).

O complexo materno originalmente positivo na mulher prejudica seu descobrimento da identidade como mulher, mas em contrapartida o desligamento é encarado de forma menos dramática (p. 110).

Vale ressaltar que problemas de identidade relacionados com a identificação do papel da mãe no complexo materno positivo são mais sutis e geralmente nota-se um comportamento de filha permanente. Consequentemente, o desligamento torna-se mais difícil, uma vez que é visto como algo ruim. Além disso, o desligamento vem acompanhado pelo sentimento de culpa.

#### 4.2 COMPLEXO MATERNO ORIGINALMENTE NEGATIVO

Pessoas marcadas por este tipo de complexo acreditam que a conquista das coisas importantes só é conseguida através da luta com o “mundo”. Ao contrário dos sentimentos positivos do complexo materno positivo já discutidos na sessão anterior, no complexo materno originalmente negativo<sup>11</sup> “[...] encontra-se o sentimento vital da solidão, do estar a mercê de alguém, o sentimento de não receber o suficiente para a vida, mas em demasia para morrer” (KAST, 1997, p.155).

É muito comum que pessoas com experiência de complexo materno negativo sejam marcadas, durante o desenvolvimento, por mensagens de desmerecimento e desprezo transmitidas por suas mães. Com efeito, tais mães implicitamente emitem comandos de que a filha não tem direito a existência ou que não pertence àquela família.

Enquanto o complexo materno originalmente positivo transmite uma confiança primordial (*Urvertrauen*) e um sentimento vital do direito natural a existência, ou até mesmo algo mais, o complexo materno originalmente negativo provoca desconfiança primordial (*Urmisstrauen*) e, em conexão com isso, um medo existencial e o imperioso sentimento de não ter nenhum direito à existência (KAST, 1997, p. 157).

Conforme já discutido na sessão (4.1) do quarto capítulo, a figura materna pode ser exercida por outra pessoa além da mãe. Mas existem casos em que a menina não tem este

---

<sup>11</sup> Para facilitar a leitura, daqui em diante me refiro ao complexo originalmente negativo apenas por complexo materno negativo ou complexo negativo.

exemplo, pois as outras figuras femininas se comportam da mesma maneira inibidora que a mãe, reforçando o sentimento de solidão, de isolamento e de não ter direito à existência. Desta forma, a filha ficará sem um exemplo positivo que possa fazer o contra ponto ou função inversa.

O complexo materno originalmente negativo não depende apenas da interação da criança com a mãe pessoal, mas também do campo materno total. Mães que não queriam ter filhos e posteriormente não conseguem aprová-los dão à criança pouca chance de uma boa interação (KAST, 1997, p.164).

Seguindo o pensamento da psicologia do desenvolvimento, a criança desenvolve-se essencialmente na identificação com os pais. No caso do complexo materno negativo não há uma identificação, uma vez que é negada à criança a experiência de fazer parte da vida da mãe.

No entanto, sabe-se que mulheres com a marca deste complexo “[...] frequentemente permanecem muito ligadas à mãe”, seja para conseguirem uma vitória sobre a mãe ou não (KAST, 1997, p.163).

Quando a criança sente que o direito à existência é negado, ela sente-se culpada de sua própria infelicidade e privação à vida, como se ela tivesse procurado esta condição. Por este motivo procura maneiras de conquistar esse direito à existência através de vivências positivas. Uma vivência positiva<sup>12</sup> possibilita que ela seja ela mesma e ocupe, em algum momento, papel de destaque em alguma atividade.

Kast (1997) também postula que as pessoas ao redor de um indivíduo marcado pelo complexo materno negativo geralmente percebem um comportamento que denota uma grande necessidade de atenção e reconhecimento. Justamente por não terem recebido a atenção necessária na fase inicial do desenvolvimento.

Neste sentido Jung (2007 a) complementa:

Como fenômeno patológico este tipo de mulher é uma companheira desagradável, exigente, pouco satisfatória para o homem, uma vez que todo o seu ímpeto é um rebelar-se contra o que brota do fundo originário natural. No entanto uma experiência de vida maior poderá ensinar-lhe talvez algo melhor, de modo que ela renuncie a combater a mãe no sentido pessoal e mais restrito. No melhor dos casos ela será inimiga de tudo o que é obscuro, pouco claro e ambíguo, preferindo colocar em primeiro plano o que é seguro, nítido e razoável (JUNG, 2007 a, p.106).

Ainda de acordo com o mesmo autor, no caso da mulher,

De todas as formas de complexo materno é na segunda metade da vida que ela tem a

---

12 Vivência na qual ela sinta-se aceita e tenha a experiência de direito à existência

possibilidade de ser bem sucedida no casamento, mas isso só depois de sair vencedora do inferno do apenas – feminino, do caos do útero materno que (devido ao complexo negativo) é sua maior ameaça (JUNG, 2007 a, p.107).

Diante da afirmativa acima fica claro que é necessário tornar o complexo consciente para que ele se “dissolva” e deixe de ser “perturbador”. Embora um complexo nunca possa ser extinto, ele pode se transformar na medida em que se é desenvolvido e assimilado pelo consciente.

É preciso, contudo, enfatizar que um complexo, de que se tem conhecimento conscientemente, tem melhor chance de ser “reconhecido” e corrigido, quer dizer, levado a desaparecer, do que quando não se tem sequer ideia da sua existência. Isso ocorre, porque, enquanto é totalmente inconsciente e nem os sintomas causados por ele conseguem atrair a atenção do consciente ele permanece completamente fora do alcance de um eventual reconhecimento (JACOBI, 1995, p.20).

Resumidamente, a falta de reconhecimento de um complexo marca a incapacidade de olhar para a frente. Neste sentido, no caso do complexo materno, “a mulher ficará circulando no tema materno-feminino” (JUNG, 2007 a, p.106). A partir do momento que a mulher escapa da relação dual com a mãe, novas perspectivas virão.

Olhar para a frente porém faz com que o mundo se abra para ela pela primeira vez na clara luz da maturidade, embelezada pelas cores e todos os maravilhosos encantos da juventude e, às vezes, até da infância. Olhar significa o conhecimento e descoberta da verdade que representa a condição indispensável da consciência. Uma parte da vida foi perdida, o sentido da vida está salvo (JUNG, 2007 a, p.107).

Pode-se concluir que o desligamento da menina com a mãe, poderá proporcionar um nascimento de uma nova consciência sobre si mesma. Pois na medida que ela nega a mãe, nega também todos os aspectos obscuros que continham nesta relação.

Geralmente mulheres com complexo materno negativo se sobressaem em atividades nas quais a razão ocupa papel de destaque; desta forma o papel maternal não aparecerá pois não há espaço para isto.

Portanto, fica claro que mulheres que foram marcadas por complexo materno originalmente negativo sentem necessidade de garantir seu espaço no mundo e têm a percepção de que outras mulheres – em geral as maternas – são fontes de grandes decepções.

## 5 REFLEXOS DO COMPLEXO MATERNO

No quarto capítulo foi discutido o complexo materno e os aspectos positivos e negativos associados à ele. Neste capítulo serão discutidas as possíveis consequências do resultado do complexo materno na formação da identidade da filha, através da relação mãe e filha. Para tanto, serão utilizados como exemplos três filmes selecionados e dois mitos.

De acordo com Von Franz (1995), o complexo materno está conectado com a função sentimento<sup>13</sup>. Este complexo ainda é “[...] básico para os nossos sentimentos mais permanentes e intratáveis” (VON FRANZ, 1995, p.164). De forma geral a função sentimento é tida pela sociedade como responsabilidade de figuras femininas.

[...] não causa nenhum espanto verificar que o complexo materno e o complexo da alma sejam responsáveis, ao longo da vida, por muitas desordens da função sentimento [...] este complexo é, desde a mais tenra infância, a permanente estrutura que aprisiona nossas reações e valores, a caixa fechada e as paredes que nos cercam por todos os lados (VON FRANZ, 1995, p.164).

Desta forma, fica evidente que o relacionamento mãe e filha deixa marcas profundas na psique da filha, influenciando a forma de relacionamento dela de forma abrangente: com as outras pessoas; com o próprio corpo; com o sentimento de medo; a capacidade de tolerar frustrações; a auto-estima; a maneira de lidar com a responsabilidade; o modo como se relaciona na vida amorosa e entre outras. É necessário destacar que o complexo materno “[...] não é a minha mãe; é um complexo meu. É a maneira pela qual minha psique incorporou a minha mãe” (VON FRANZ, 1995, p.164).

De acordo com Corneau (1999) uma identidade sadia pode ser considerada pela:

[...] confiança em si, a capacidade de fazer escolhas, de satisfazer as preferências e vontades, a capacidade de relacionar-se com os sentimentos e necessidades, e assim como a capacidade de estabelecer vínculos afetivos. A pessoa cujo a identidade permanece frágil está repleta de dúvidas, vive em um mundo hostil que a julga e a critica sem parar e, em geral, encontra-se separada daquilo que experimenta. Muitas vezes, além de sentir-se culpada por ter necessidades, acha que não tem direito de expressá-las. Uma infância bem sucedida é aquela em que um ser sentiu apoiado na exploração do mundo que o rodeava, assim como na afirmação e na manifestação de seus sentimentos e necessidades (CORNEAU, 1999, p.61).

O ego da criança se desenvolve a partir do outro. Neste sentido, o vínculo materno é a base para a construção de um ego forte que dará sentido à identidade pessoal da menina,

---

13 Função operante sob o indivíduo. Ainda pode caracterizar-se de duas formas: tipo sentimental extrovertido e tipo sentimental introvertido.

permitindo a emergência de sua própria personalidade de forma cada vez mais consciente.

No entanto é necessário indicar com precisão que o ego não poderia desenvolver-se sem os outros, poderíamos até dizer sem o amor. Ao longo da vida, nossa individualidade tem necessidade dos outros para se reconhecer, se formar, se desenvolver, se identificar e se diferenciar, ou seja para afirmar diferenças e esposar similaridades (CORNEAU, 1999, p.33).

O vínculo positivo materno favorece tal construção e conscientização. Desta forma a menina poderá diferenciar-se da mãe e desenvolver uma relação positiva com a vida, com a sua sexualidade e com a sua própria identidade, o que favorecerá suas relações com o meio conforme já discutido na sessão 4.1 do quarto capítulo.

O aumento no sentido que a criança tem de sua própria identidade é com efeito, testemunho da ação dos processos favorecedores da individuação ou dizendo em outras palavras, o alinhamento de suas fantasias e comportamentos sexuais com seus impulsos e sua imagem corporal aumentam sua capacidade de uma verdadeira auto-expressão. Se o ego se fortalecer, a totalidade subjacente do Self não ficará necessariamente inacessível (FORDHAM, 2006, p.118).

Se o ego não estiver fortalecido, pode causar na menina uma identidade fragilizada. Isto pode conduzir à problemas com a auto-estima, falta de vitalidade, transtornos alimentares, depressão e angústia à separação. Além disso, coloca-se à disposição do outro sem se importar com suas próprias vontades. Um ego fortalecido auxilia na capacidade de estabelecer vínculos. É daí que o ego nutre-se.

Corneau (1999) complementa:

É evidente que a aventura familiar pode facilmente transformar-se em catástrofe no que diz respeito a construção da identidade [...] Uma infância sofrida leva, quase inevitavelmente, ao ensimesmamento. Certas crenças negativas sobre suas próprias capacidades isolam o ego na melancolia e impedem-na de se firmar no exterior (1999, p.60).

O complexo materno, quando inconsciente, fixa a mulher na mãe e pode impedir a busca da realização pessoal. Pois o complexo de forma geral atua como entidade autônoma, confundindo a consciência, propiciando um desconhecimento do indivíduo sobre si mesmo. De acordo com Jacobi (1995, p. 21), é sabido que é impossível extinguir um complexo, mas ele pode ser modificado a partir de um diálogo entre ego e complexo, podendo fazer a integração deste complexo à consciência.

Para compreender a psicologia do adulto e da criança, deve ser considerado o relacionamento deles com os outros, sendo que este relacionamento passa a existir desde a vida mental infantil. “A criança se encontra de tal modo ligada e unida à atitude psíquica dos pais, que não é de causar espanto se a maioria das perturbações nervosas verificadas na



infância devam sua origem a algo de perturbado na atmosfera psíquica dos pais (JUNG, 1983, p.43)”.

Jung (1983, p. 175) propõe um reflexão importante acerca da educação fornecida pelos pais na formação da personalidade da criança. A maioria dos filhos são educados pelos pais; os pais por sua vez tendem a ser influenciados pela própria experiência na escolha da forma de educação de seus filhos. No entanto, a personalidade dos pais – combinada com a experiência vivenciada – vai influenciar na forma de transmissão da educação. Caso o pais, por situações diversas, tenham vivenciado carência de educação e atenção, podem apresentar reações opostas e igualmente inadequadas. Por um lado podem repetir a mesma falha de falta de atenção e educação. Dependendo da personalidade dos pais, por outro lado, podem fazer o oposto. Na tentativa de compensar aquilo que lhes faltou, oferecem atenção ou proteção demasiada aos filhos. Talvez por falta de informação ou medo que os filhos passem pelas mesmas coisas que eles passaram, os pais acreditam que para os filhos sentirem-se amados e terem uma educação perfeita, devem sacrificar-se por eles. Entretanto, como é sabido, situações extremas implicam no desenvolvimento da criança, inibem a criatividade e a expressão da individualidade. Isso na verdade pode ser uma lacuna do que falta aos pais. Ao agirem desta forma deixam uma mensagem implícita para os filhos do que eles consideram como melhor para eles. Neste sentido, os pais devem apoiar as escolhas dos filhos, assim como encorajar suas realizações a fim proporcionar a descoberta da personalidade. “A personalidade já existe em germe na criança, mas só se desenvolverá aos poucos e no decurso da vida. No entanto os pais esquecem [...] que ninguém pode educar para a personalidade se não tiver personalidade” (JUNG, 1983, p.176-177).

A fim de contextualizar o que já foi discutido teoricamente ao longo dos capítulos, seguem algumas reflexões de exemplos de complexo materno originalmente positivo e negativo em filmes e mitos.

## 5.1 EXEMPLOS DE COMPLEXO MATERNO NEGATIVO EM FILMES E MITO

Pode-se observar a influência da marca de complexo negativo no filme Sonata de Outono, dirigido por Ingmar Bergman. O filme centra o enredo num reencontro de mãe e filha após sete anos separadas. A mãe é uma famosa concertista que após a morte do namorado vai

passar algum tempo na casa de sua filha, Eva. Eva vive com o marido (Viktor) e com a irmã Helena, que possui uma doença degenerativa. Quando Eva recebe a notícia que sua mãe (Charlotte) passará uma temporada em sua casa, é tomada por sentimento de felicidade, recebendo-a com toda atenção e cuidado. No entanto, à medida em que conversavam, é possível detectar indícios de conflito na relação mãe-filha. Através de uma conversa entre as duas durante a madrugada, o conflito ressurge através de lembranças, confissões e revelações que exprimem o rancor e o ressentimento de anos. Eva e Charlotte falam em um diálogo tenso e perturbador sobre suas infâncias, as relações com os pais, suas infelicidades e arrependimentos. No dia seguinte Charlotte parte. Eva, angustiada, teme ter afugentado a mãe para sempre e escreve-lhe uma carta, na esperança em vê-la novamente.

O filme *Sonata de Outono* traz à tona diversos temas como: carência afetiva, ódio, dor, medo, culpa, perdão e esperança. O autor enfatiza o drama entre mãe e filha que imploram por amor. Charlotte estabelece sentimentos de rivalidade e superioridade com a filha. Quando Eva menciona preferência ou exaltação de algum sentimento, Charlotte logo em seguida coloca uma situação para se sobressair. Se por um lado, Charlotte mostra-se importante, por outro, fica claro a fragilidade que ela apresenta. Suas ações soam superficiais, assim como o amor que diz sentir por sua filha. Eva sempre amou e admirou incondicionalmente a mãe, mas nem sempre recebeu carinho e atenção dela. Charlotte estava sempre viajando, ocupada com sua carreira e incapaz de estabelecer um relacionamento positivo com Eva. Charlotte apresentava um desinteresse velado: ao mesmo tempo que ignorava a filha, retribuía com algum tipo de carinho dissimulado. No entanto, Eva não acreditava que as atitudes da mãe eram “do coração”, pois tais atitudes evidenciavam uma total indiferença, ferindo assim os sentimentos da filha.

Eva gosta de escrever, o marido dela (Viktor) lê o trecho de um livro escrito por ela: “é preciso aprender a viver. Eu treino todos os dias. Meu maior obstáculo é não saber quem sou. Vou tropeçando às cegas. Se alguém me amar do jeito que eu sou, talvez eu me arrisque a olhar para mim mesma. Para mim, esta possibilidade é bastante remota”. Viktor comenta que gostaria de dizer a Eva o quanto ela é amada, mas sabe que por mais que ele diga ela não acreditaria.

De acordo com a fala de Eva, pode-se supor que ela demonstra desvalorização e desconhecimento de si própria. É muito comum que mulheres com complexo materno originalmente negativo não sintam-se amadas e além disso exigem sempre muito do parceiro.

A citação a seguir se refere à conversa que Eva teve com sua mãe:

*- Na realidade, você detesta Helena e eu. Você está fechada dentro de si mesma. Eu a amava, mas você me achava repulsiva, burra e fracassada... você conseguiu me ferir para o resto da vida. Assim como você está ferida. Mãe e filha que mistura terrível de sentimentos; confusão e destruição. Tudo é possível e tudo se faz por amor e por preocupação. As cicatrizes da mãe são passadas para a filha. As falhas da mãe são pagas pela filha. A infelicidade da mãe é a infelicidade da filha. Parece que o cordão umbilical nunca foi cortado. É isso? Será que a infelicidade da filha é o triunfo da mãe? Mamãe será que a minha tristeza é a sua insatisfação secreta?*

Ainda no mesmo tema, o filme *Preciosa (Precious)*, dirigido por Lee Daniels, conta a história de uma adolescente (Claireece) de dezesseis anos, negra, obesa, analfabeta e residente no bairro popular *Harlem*, em Nova Iorque, que sofreu enormemente desde a tenra infância. Não bastassem as privações de uma família pobre e visivelmente desestruturada, Claireece é violentada pelo pai e abusada pela mãe (Mary). Claireece cresce sem qualquer tipo de amor ou respeito. Em consequência de um estupro praticado pelo próprio pai, Claireece tem um filho portador de síndrome de Down, que fica sob os cuidados da avó materna. Ao engravidar pela segunda vez de seu pai, Claireece é suspensa da escola em que estuda. Para sua sorte porém, é encaminhada para uma escola alternativa. Através do vínculo que ela estabelece com a professora (Srta. Rain) e com as amigas da sala, ela encontra um meio de lidar melhor com a sua vida e perceber a importância de sua existência, trilhando um novo caminho.

As falas de Claireece denotam insatisfação com a própria vida e falta de sentido para existência.

*- Às vezes eu desejo que não estivesse viva. Mas eu não sei como morrer. Não há nenhum botão para desligar. Não importa o quão ruim eu me sinta, meu coração não para de bater e meus olhos se abrem pela manhã.*

Em muitos diálogos de ambos os filmes pode-se notar que um complexo materno negativo foi constelado. O complexo materno pode causar na filha inconsciência da própria identidade, tendo como consequência grande influência na psique da filha e em seu comportamento diante da vida de forma geral, comportamentos estes que já foram discutidos no quarto capítulo, na sessão 4.2.

Conforme já discutido no quarto capítulo, caso a mãe pessoal não execute o papel de uma mãe boa, outra pessoa poderá fazê-lo. No filme *Preciosa*, Claireece encontra em sua professora um exemplo positivo que a estimula e faz com que ela aprenda a se valorizar e reconhecer a si mesma. A relação estabelecida com a professora e com as colegas de classe possibilita mudança profunda de si mesma e da forma de lidar com a vida. Neste sentido pode-se destacar o quanto o acolhimento, o afeto e a aceitação na função materna

proporcionam um efeito positivo em relação à vida da filha.

Adicionalmente, um mito grego que exemplifica a relação mãe e filha sob a perspectiva do complexo materno negativo é o mito de Medusa, a única mortal das irmãs Górgonas. Segundo o mito, Minerva transformou Medusa em monstro com cabelos de serpente. Medusa foi “amaldiçoada” por disputar com Minerva o amor de Zeus. Embora as serpentes na cabeça sejam de fato a característica mais marcante de Medusa, seu olhar também é peculiar. Pode-se dizer que o olhar de Medusa retira a vida, pois transforma tudo em pedra. A simbologia é clara: Medusa é transformada em uma mulher que é sempre rejeitada, que não ama e não pode ser amada.

Neste mito, temos a representação simbólica de uma mãe que é incapaz de “ver” a filha. Neste sentido, as “filhas de Medusa” apresentam dificuldades em saber e reconhecer a própria identidade e o sentido ad vida, permanecendo de certa forma inconsciente. Além disso, não se veem como são e sempre se imaginam bem piores do que até mesmo poderiam ser. No mito temos que os três filhos de Medusa não podem vê-la, também não podem ser vistos por ela. Medusa é a representação de mãe terrível, devoradora que não olha, não acaricia, não orienta, mas sim paralisa. Neste sentido, para as mulheres filhas de uma mãe como Medusa, a figura masculina representa um brinquedo ou fonte de decepções e sofrimentos. Além disso tais mulheres são incapazes de serem amadas.

## 5.2 EXEMPLOS DE COMPLEXO MATERNO POSITIVO EM FILME E MITO

Sob a perspectiva de um complexo materno positivo, o filme *Lado a Lado (Stepmom)*, dirigido por Chris Columbus em 1998, conta a história de uma adolescente de doze anos (Anna) e de seu irmão de sete (Ben), filhos de pais separados, que não aceitam a namorada de seu pai (Isabel). A mãe das crianças (Jackie) que ocupa o papel de mãe perfeita não facilita o relacionamento entre elas, no entanto Isabel faz de tudo para conquistar a confiança das crianças e da ex-mulher de seu marido (Luke). Jackie descobre que sua doença (câncer) voltou, faz os devidos tratamentos, mas não obtém sucesso. A partir desta notícia a família se une novamente e vivenciam os últimos momentos da vida de Jackie. O filme reúne muitos aspectos interessantes para discussão, no entanto quero chamar atenção para o relacionamento positivo de Jackie com sua filha Anna, representado no diálogo que ocorre no momento em

que Jackie entrega provavelmente o último presente de natal para a filha, uma colcha feita por ela mesma:

J: É como um livro de recortes que pode aquecer.

A: É tão lindo, nunca vi nada igual.

J: Olhe seu cavalo, as medalhas que ganhou; Lembra-se disso? Aquele vestido do maternal que você usou por três semanas; Seu primeiro passo. Olhe seu pé.

A: Você está com medo?

J: Um pouco. Estava com mais medo por você, mas não estou mais, porque sei que vai ficar bem.

A: Não quero dizer adeus. Vou sentir saudades.

J: Tudo bem querida. Tudo bem em sentir saudades. Pode sentir saudades e me levar com você. Pode sim. E, quando tiver problemas, eu estarei lá. E, quando se apaixonar, eu estarei lá. Pode sim. É assim que as pessoas vivem pra sempre. Porque alguém as leva junto. Na sua formatura e no seu casamento e quando tiver seus filhos...Leve-me junto?

A: Sempre, sempre e sempre.

J: Você fez minha vida tão maravilhosa. Leve isso com você também, ok?

O filme *Lado a Lado* traz uma marca de um complexo originalmente positivo. A mãe demonstra uma boa relação primal e relacionamento positivo com a filha, relacionamento este que provavelmente sustentará a filha no decorrer da vida. As frases finais do diálogo denotam um pouco do que já foi discutido, no sentido que a filha imita a mãe e carrega características de sua personalidade.

Ainda para ilustrar o complexo materno originalmente positivo temos o mito de Deméter e Perséfone.

Deméter teve uma filha com Zeus, Perséfone, à qual era particularmente afeiçãoada. Perséfone era uma bela e despreocupada jovem — os gregos também se referiam a ela como "a donzela, a mocinha" — e certo dia Hades se apaixonou pela jovem. Com a conivência de Zeus, raptou-a enquanto ela brincava com as ninfas e levou-a para seu reino subterrâneo. Alertada por um grito da filha, Deméter começou a procurá-la por todo o mundo, com um archote aceso em cada mão. Após vários dias de busca encontrou Hécate, que ouvira Perséfone gritar mas não vira quem a levava; Hélios, porém, que tudo vê, revelou a identidade do raptor.

Enfurecida, Deméter recusou-se a voltar ao Olimpo sem a filha querida e a exercer suas funções divinas. Assumiu o aspecto de uma velha e pôs-se a serviço de Céleo, rei de Elêusis, que encarregou-a de cuidar do jovem Triptólemo, seu filho. Deméter afeiçãoou-se ao menino e tentou torná-lo imortal, colocando-o periodicamente no fogo. Surpreendida porém numa das "sessões de imortalização" pela assustada Metanira, mãe do menino, não pôde completar o processo.

Enquanto isso, a terra tornou-se estéril e assim permanecia, pois sem a intervenção de

Deméter nada do que era plantado crescia. Perturbada a ordem natural, Zeus teve que intervir junto a Hades para libertar Perséfone e aplacar a mãe enfurecida. Perséfone, entretanto, já desfrutara da hospitalidade de Hades e comera uma romã — o que a associava permanentemente ao reino subterrâneo — e os deuses envolvidos tiveram de negociar.

Perséfone tornou-se esposa de Hades, e rainha dos mortos; Deméter reassumiu suas tarefas divinas; e, a cada primavera, Perséfone deixava Hades e se reunia com a mãe, no Olimpo, para que nessa época a terra cultivada desse seus frutos.

Originalmente este mito representa uma forma complexo materno positivo. Deméter é um tipo de arquétipo materno. Quando o arquétipo materno é dominante na psique da mulher, o papel de mãe prevalece. Oferecer “nutrição e alimentação” nos sentidos literal e figurado – nutrição psíquica, emocional e espiritual – é o princípio de satisfação para mulheres marcadas por este complexo.

Se por um lado Deméter representa característica nutridora, por outro, tem um lado altamente destruidor, que pode ser associado a um complexo materno negativo. Uma mãe extremamente superprotetora tal como Deméter inibe o desenvolvimento da filha, querendo-a só para si e fazendo com que a filha torne-se dependente dela. Desta forma, a filha poderá ter medo de assumir a própria individualidade, recusando-se a crescer e recorrendo sempre à mãe quando encontra alguma dificuldade.

Jung (2007 a) comenta que a mulher tipo Deméter desenvolve o eros exclusivamente para a função materna. “[...] Um eros inconsciente sempre se manifesta sob a forma de poder [...] seu instinto materno impõe-se brutalmente até conseguir o aniquilamento da própria personalidade e de seus filhos (JUNG, 2007 a, p.97)”.

Caracterizando as marcas positivas de um complexo materno, Von Franz (1995) comenta que “A marca da boa mãe não é a gentileza suavezinha cheirando leite, nem a fraca dieta da aceitação, mas o ativo interesse vivaz, tudo aquilo que estimule e que, por conseguinte, promova o crescimento (p.169)”.

A observação de Von Franz é elucidadora. Ela expõe que a marca de uma boa mãe não contém apenas aspectos positivos, pois uma mãe boa também pode incorporar aspectos considerados negativos importantes para o desenvolvimento da criança, de forma que promova crescimento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a relação primal é base para o desenvolvimento humano pois a qualidade do relacionamento entre mãe-filha determina como a menina vai se comportar inicialmente. Neste sentido, a construção da identidade está diretamente relacionada à história de vida e ao sentimento de vitalidade. Com efeito, a mãe tem importância determinante na constituição e estruturação da identidade feminina, pois é através da mãe que a filha inicialmente adquire a identidade, constrói a identidade sexual e vivencia a primeira relação de amor.

Temos que todas as influências do complexo, sejam elas positivas ou negativas, atuam juntas para compor as imagens e as expectativas que a menina terá de si própria e do mundo. Pode-se afirmar que os resultados do relacionamento com a figura materna influenciam fortemente na forma como a menina se percebe. Neste sentido, as consequências do complexo materno estão intrinsecamente relacionadas à construção da identidade. No entanto, tornar-se apenas consciente dos efeitos positivos ou negativos não será suficiente. É preciso observar os comportamentos e atitudes similares com a mãe, aceitar a figura materna e, se for necessário, perdoá-la a fim de transformar a relação mãe-filha.

A partir da revisão da literatura entendemos que uma mulher presa em um complexo materno tem como consequência o desconhecimento de sua própria identidade, de suas necessidades e de sua própria alma.

A influência do complexo materno na construção da identidade da menina depende da capacidade pessoal da menina para encontrar saídas ou soluções criativas para sua vida, bem como fazer o desligamento adequado da figura materna para seguir com o seu desenvolvimento. A migração do estado inconsciente para consciente dos aspectos relacionados ao complexo materno dependerá da capacidade da menina de integrar e assimilar o complexo da relação que foi vivenciada com a mãe real. Visto que não é possível eliminar o complexo materno, é necessário analisar conscientemente as influências deste complexo na menina.

Nesta perspectiva, é de extrema importância que a menina reconheça os padrões que influenciam a vida dela e os efeitos que isso pode causar. Sair do estado de inconsciência proporcionará um conhecimento de si mesma – um caminho para a auto-realização.

Não se deve ignorar que cada ser humano caminha para determinada direção pois cada um carrega consigo uma predisposição pessoal e uma idealização do arquétipo materno.

Neste sentido, o Self indica a direção, mas cabe ao ego realizar as necessidades de cada indivíduo. Mesmo que a menina não tenha desenvolvido um bom relacionamento com a mãe, ainda assim, ela poderá encontrar maneiras de modificar este modelo de relação com a figura materna que fora introjetado pela psique, como por exemplo, em sonhos e fantasias.

A partir destas considerações, conclui-se que a menina estabelece como modelo a relação com a figura materna. Desta forma, o complexo materno está estreitamente relacionado com a construção da identidade da menina.

Construir a própria identidade é fundamental para não renegar as coisas boas que o mundo oferece e, ao mesmo tempo, um ego fortalecido sabe negar aquilo que não lhe pertence. Uma identidade bem fundamentada permite que a menina encontre um lugar no mundo, tenha a sensação de encontrar a si mesma e a possibilidade de fazer as próprias escolhas.

Este estudo a partir das reflexões realizadas nos leva a pensar que o tipo de relação estabelecida ou incorporada com a figura materna poderá influenciar em diversos aspectos como: a relação da menina com ela mesma, a percepção de seu lugar no mundo, a forma de se relacionar na vida amorosa, com os amigos, no trabalho e de forma geral, a interação dela com o mundo e com os papéis que venha a desenvolver.

Nessa medida, sugere-se que novos estudos sejam feitos para compreender os aspectos específicos que mais significativamente influenciam a psique da menina a partir do relacionamento com a mãe. Adicionalmente sugere-se um estudo para compreender a influência da mãe na construção do feminino.



## REFERÊNCIAS

BUHLER, Charlotte Malachowski. **A psicologia na vida do nosso tempo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

CORNEAU, Guy. **Será que existe amor feliz?** Como as relações pais e filhos condicionam nossas relações. Rio de Janeiro: Campos, 1999.

FORDHAM, Michael. **A Criança como Indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 2006.

GAMBINI, Roberto. **O Espelho Índio: a formação da alma brasileira**. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 1988.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung o homem criativo**. São Paulo: FTD, 2003.

JACOBI, Jolandi. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.Jung**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. Volume XVII, 1983.

\_\_\_\_\_. **A natureza da psique**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes. Volume VIII/2, 1984.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. Volume VIII, 1991.

\_\_\_\_\_. **Estudos experimentais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. Volume: II, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os arquetípicos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. Volume IX/1, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes: Volume V, 2007b.

KAST, Verena. **Pais e filhas, mães e filhos: caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno**. São Paulo: Loyola, 1997.

LADO a Lado. Direção Chirs Columbus. Estados Unidos, 1998. DVD (125 min).

NEUMANN, Erich. **A Criança**: Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação. São Paulo: Cultrix, 2004.

OUTONO Sonata. Direção: Ingmar Bergman. Produzido por: Katinka Faragó. Suécia/França/Alemanha, 1978. DVD (99 min).

PRECIOSA, Direção Lee Daniels. Estados Unidos, 2009. DVD (110 min)

PREUSHOFF, Gisela. **Criando Meninas - Para pais e Mães de Verdade**. São Paulo: Editora Fundamento, 2003.

STEIN, Murray. **Jung o mapa da alma**: uma introdução/ Murray Stein: tradução Álvaro Cabral, 5 ed, SãoPaulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A tipologia de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1995.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo**. São Paulo: LTC, 1982.

\_\_\_\_\_. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

**ANEXO**

## ANEXO 1

Segue exemplo da semelhança de respostas entre mãe-filha frente ao mesmo estímulo:

Palavra-estímulo	Mãe	Filha
prestar atenção	aluno aplicado	aluno
lei	lei de Deus	Moisés
querido	filho	pai-mãe
grande	Deus	pai
batata	tubérculo	tubérculo
família	mais pessoas	cinco pessoas
estranho	viajante	viajantes
irmão	querido pra mim	querido
beijar	mãe	mãe
incêndio	grande dor	doloroso
porta	larga	grande
feno	seco	seco
mês	muitos dias	trinta e um dias
ar	fresco	úmido
carvão	fuliginoso	preto
fruta	doce	doce
alegre	Criança feliz	crianças pequena

Fonte: JUNG, O. C. Estudos Experimentais. 1995, p.480.